





UMA ESQUINA DE PERMANÊNCIAS

JUREMA MOREIRA CAVALCANTI

*Arquiteta urbanista, mestranda PPG Arquitetura e
Urbanismo/UFBA e membro do grupo de pesquisa
Laboratório Urbano*

119

O MÉTODO COMO PONTO DE PARTIDA

A escolha do método antecedeu até mesmo a definição do percurso. O intento era trabalhar com a história oral e as possibilidades de extrapolar o seu campo disciplinar de origem, além de entender o que esta prática me permitiria, enquanto arquiteta e urbanista, que tinha por propósito, a apreensão do espaço urbano espetacularizado de Salvador.

Para tanto, o que era importante considerar na sua utilização ia além da obediência a um passo-a-passo preestabelecido que se fixava em técni-

cas de abordagem, formas de arquivamento e divulgação do material coletado. O que eu me propunha a fazer não se prendia à adoção de um “manual de história oral,”¹ cuja sujeição ou falhas de aplicação seriam decisivas para um julgamento de historiadores: isso é ou não é. O método partia da proposta, isso sim, de trocar com o outro, com o sujeito usuário do espaço em questão, respeitando-o no seu lugar de sujeito ativo que, assim como eu (e não menos que), desenvolve a sua própria história. O que se pretendia, era “conhecer e registrar [as] múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade.” (ALBERTI, 2010, p. 164)

A escolha também tem a ver com o que defende a história oral em relação ao posicionamento de quem entrevista para com o entrevistado. E, nesse sentido, ela enfatiza a importância de que o primeiro abandone o papel de “observador da experiência alheia” e deixe de tratar o outro como um mero “objeto de pesquisa”. (MEIHY, 1996, p. 28) Esse posicionamento é reforçado pela historiadora Silvia Rivera Cusicanqui que vê na história oral a possibilidade de um “processo de produção de conhecimento [que] é compartilhado entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, e não uma relação em que aquele se apresenta como o ‘salvador da pátria’ da condição subalterna deste” (SOUZA, 2012, p. 6), afinal, a vida segue independente desse encontro acontecer.

La historia oral en este contexto es, por eso, mucho más que una metodología ‘participativa’ e de ‘acción’ es un ejercicio colectivo de desalienación, tanto para el investigador como para su interlocutor. Si en este proceso se conjugan esfuerzos de interacción consciente entre distintos sectores, y se la base del ejercicio es mutuo reconocimiento y la honestidad en cuanto al lugar que se ocupa en la ‘cadena colonial’, los resultados serán tanto más ricos [...] Por ello, al recuperar o estatuto cognoscitivo de la experiencia humana, o proceso de sistematización asume la forma de una síntesis dialéctica entre dos (o más) polos activos de reflexión y conceptualización, ya no entre un ‘ego cognoscente’ y un ‘otro pasivo’, sino entre dos sujetos que reflexionan juntos sobre su experiencia y sobre la visión que cada uno tiene del otro. (RIVERA CUSICANQUI, 2008 apud SOUZA, 2012, p. 6-7)

A proposta foi, portanto, trabalhar com a “ética” da história oral, muito mais que com o método. O desejo era trabalhar “com” e não “o” outro. É disto que eu parto.

O RECORTE NO/DO PERCURSO

Fixei-me no 2 de Julho, mais precisamente na esquina da Rua do Cabeça com a Rua do Sodré, um pequeno trecho inserido no longo percurso que definimos.

A TROCA: A MOÇA DOS TAPETES² E EU

Sentada com os pés sobre a cadeira ela conversa com sua vizinha (a vendedora de chips de celular). Tapetes coloridos, de times de futebol, ou não, e ela agora toma seu cafezinho enquanto observa a rua. (Informação verbal)

Encontramo-nos há algum tempo. Numa primeira conversa, tratamos de assunto, na época, recente: a mudança do nome do bairro para Santa Teresa. Toda a discussão foi pautada neste contexto, mas ao longo de um ano e meio nos perdemos. Agora, ao revermo-nos para escrever este texto, o assunto foi outro; já não fazia sentido discutirmos Santa Teresa.³ A gestão municipal mudara e o espaço para a espetacularização vinha em outro sentido: na reforma dos becos transversais à Avenida Sete e Carlos Gomes.⁴ Importava saber como ela via as mudanças que se processavam, de tempos em tempos, no seu local de trabalho e qual o seu envolvimento naquilo que parecia tocar-lhe. Para tanto, havia a necessidade de entender a dinâmica própria de sua ocupação para poder associá-la ao que acontecia no espaço em volta.

Naquela esquina avistamos, todos os dias, uma banca de tapetes coloridos, sobrepostos, amontoados, colocados à venda, enquanto sua dona fica ali por perto, não necessariamente ao lado dos produtos, mas onde consegue encontrar alguma sombra para ficar. Há 6 anos ela ocupa aquele mesmo lugar para negociar os tapetes de retalhos que chegam mensalmente de Bom Jesus da Lapa. Viaja até o oeste baiano, uma vez por mês, para escolher as peças e, em seguida, retorna para Salvador para comercializá-las.

121

Diariamente, ela gasta de 3 a 4 horas nas viagens entre a casa o Centro da cidade. Por isso, pensa em conseguir um ponto onde possa morar e vender seus produtos. Recentemente, o dono do depósito que aluga para guardar o material, ofereceu um espaço que seria desocupado para que ela instalasse seu ponto.

- Ela: – *Eu moro aqui em Salvador, mas eu moro em bairro.*

- Eu: – *Qual bairro?*

- Ela: – *Moro em Sussuarana.*

- Thais: – *Eu achava que você morava aqui.*

- Ela: – *Eu morei, 11 anos aqui, mas agora, como tá ali no... no... no depósito, é... a moça vai sair [...] aí ele disse: “Ó, é melhor você ficar aqui, alugar essa parte aqui da frente.” [...] Porque é muito longe lá, entendeu? Pra mim morar. (Informação verbal)⁵*

Este desejo por um espaço físico outro que não o da rua, parece ter um motivo. Existe ali uma distinção entre vendedores de rua e “comerciantes” (donos de lojas). “Eu conheço um moço ali, que subiu através de camelô. Ele era camelô e hoje tem duas lojas” (informação verbal). Essa diferença se dá pelo risco de ter sua mercadoria recolhida pelo “rapa”. Os primeiros estão sempre suscetíveis

a isto, enquanto os comerciantes formalizados estão a salvo desta intervenção. A moça dos tapetes, por exemplo, não expõe todos os produtos que tem: os tapetes maiores ficam trancados no depósito por medo de que sejam apreendidos. Por isso, quer ter a sua própria loja. “Um dia você ainda vai entrar num pontinho meu, com uma porta” (informação verbal). Se, por um lado, o desejo é ter seu próprio espaço a salvo da fiscalização arbitrária da prefeitura, por outro, a formalização vem acompanhada de certo status frente aos outros vendedores ambulantes, como os vendedores de peixes, por exemplo, considerados por ela, como os responsáveis pela sujeira e mal cheiro no local.

Assim, a reforma das ligações transversais à Avenida Sete e Carlos Gomes, que também atinge a Rua do Cabeça, chega para ela como mais uma possibilidade de organização do espaço e de padronização das estruturas móveis, que assegurariam uma “imagem outra” aos seus produtos.


Se mudasse a rua, era... ficava legal até pra gente, né? Ficava legal...

Ah, eu queria, se fosse um negócio assim, de uma barraquinha, num lugar assim, por exemplo assim... se a prefeitura arrumasse os camelô tudo certinho, eu queria. (Informação verbal)

Ao mesmo tempo em que há o desejo de ser contemplada por um projeto que ela e os outros vendedores nem conhecem bem, há também o medo de ser removida sem antes ter conseguido um ponto formalizado para onde ir. São contraditórios os seus anseios: a vontade de trabalhar num lugar bonito acompanha sempre o medo de ser expulsa. Por outro lado, à sua maneira, ela sempre cria formas de ir ficando por ali.

Olha, se você chegar aqui oito horas da noite, minha filha, você tem é medo [...] e você quer vê uma coisa: se os camelô sair daqui [...], porque aqui, se tiver um bandido pra passar aqui, ele não passa aqui, que os camelô derruba lá na frente [...], mas se não tiver? Você vai ver...

Agora se essa rua aqui reformasse [diz se referindo à Rua do Cabeça]... ficava bonita [...] é... ali aquela ladeira da preguiça... uma vista linda, né? Que vista linda pros turista ficar, ali é muito maravilhosa e tá abandonada! [...] [silêncio] pelo menos melhorava, né? (Informação verbal)

A moça dos tapetes não é vítima das diversas intervenções que se pretende fazer naquele espaço pelo poder público ou pelos agentes privados. Ela é antes de tudo, um terceiro agente, que desempenha as suas ações micropolíticas⁶ utilizando-se das táticas⁷ de que dispõe: se vai se fazer uma feira, ela quer uma barraca. Se vão expulsá-los dali, ela opta por um ponto formalizado. Se é outra a ação hegemônica, é outra também a sua tática, e assim vai se constituindo o poder de permanência dado, não só a ela, mas aos muitos outros que ocupam e vivem naquele espaço que ora é do espetáculo, ora se deixar esquecer. 



123



¹ Referência aos inúmeros manuais de história oral (ALBERTI, 2004; MEIHY, 1996; DE SORDI, 2007) que se propõem a servirem de guias na aplicação desta metodologia, trazendo, por vezes, modelos de elaboração de projetos, cartas de cessão, etc.

² Usarei este “nome” para designar a pessoa que colaborou na elaboração deste trabalho.

³ O projeto *Santa de Tereza – Humanização do Bairro* foi desenvolvido pela Prefeitura de Salvador no ano de 2012. A proposta envolvia um processo de especulação imobiliária na região do 2 de Julho e seu entorno imediato, que não aparecia nos discursos apresentados, e diversos pormenores que abrangiam a relação público-privada ficaram sem esclarecimentos. Este fato acirrou o debate entre as empresas envolvidas, o poder público e a população em geral. Pelo desconforto causado, em julho do mesmo ano, a prefeitura retirou o projeto e declarou que os recursos destinados a ele seriam utilizados em outra área de intervenção na cidade. (PORTELA; ANDRADE; CAVALCANTI, 2012)

⁴ Este projeto está sendo executado pela atual gestão municipal (2013-2016). “A ação faz parte do projeto de requalificação e ordenamento de ambulantes da Avenida Sete de Setembro desenvolvido em conjunto pela Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF) e representantes das associações dos ambulantes, sob a coordenação da Semop e apoio do Sebrae-BA”. (AGECON, 2013) Disponível em: <http://www.comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=42717:prefeitura-avanca-com-obras-de-reordenamento-da-avenida-sete&catid=57&Itemid=178> Acesso em: 20 fev. 2013.

www.comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=42717:prefeitura-avanca-com-obras-de-reordenamento-da-avenida-sete&catid=57&Itemid=178> Acesso em: 20 fev. 2013. Segundo a proposta, as obras ocorrerão na Rua do Cabeça, Travessa 11 de Junho, Coqueiro da Piedade, Portão da Piedade, Beco Maria da Paz, Travessa 21 de Abril, Rua Nova de São Bento, Praça Carneiro Ribeiro e Travessa 24 de Fevereiro. (CORREIO, 2013). Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/comeca-na-avenida-sete-reordenamento-de-ambulantes/>> Acesso em: 20 fev. 2013.

⁵ TAPETES, Moça dos. Entrevista I. [jan. 2014]. Entrevistadora: Jurema Cavalcanti. Salvador, 2014. 1 arquivo. Mp3 (60 min.).

⁶ Estas ações se definem, segundo Deleuze e Guattari (1996) pelas linhas de fuga; pelo que escapa às organizações binárias ou às tomadas de decisões hegemônicas; que se distinguem do molar, não pela sua dimensão, mas pela sua natureza; que prevê mudanças continuadas sem origem, centro ou periferia, mas numa multiplicidade rizomática.

⁷ A tática, empreendida no nível da micropolítica, ou do molecular, segundo Certeau (1998), “não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O ‘próprio’ é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário,

pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no vôo’ possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’”. (CERTEAU, 1998, p. 46-7)

/

AGECOM. *Prefeitura avança com obras de reordenamento da Avenida Sete*. Salvador, 08 out. 2013. Disponível em: <http://www.comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=42717:prefeitura-avanca-com-obras-de-reordenamento-da-avenida-sete&catid=57&Itemid=178>. Acesso em: 20 fev. 2013

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSK, Carla Basanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Neto; Suely Rolnik; et.al.. São Paulo, Ed. 34, 1996, v. 3.

MEIHY, José Carlos. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PORTELA, Thais. B; ANDRADE, Luis. G. A.; CAVALCANTI, Jurema. M. ‘Cidadania cordial’, ‘urbanidade blefe’, ‘sociabilidade espetacularizada’ e ‘política factóide’: elementos da produção dos espaços públicos em Salvador. In: Seminário Urbanismo na Bahia. 12. 2012, Salvador. *Anais...Salvador*: FAUFBA, 2012.

SOUZA, João José Veras de. A história oral e sua dimensão epistemológica. In: Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça. 11., 2012, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Salvador: UFRJ, 2012. Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340412618_ARQUIVO_ARTIGO-Ahistoriaoralesuadiensaoepistemologica.pdf>

Sites:

<http://www.comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=42717:prefeitura-avanca-com-obras-de-reordenamento-da-avenida-sete&catid=57&Itemid=178>. Acesso em: 20 fev. 2013.

<<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/comeca-na-avenida-sete-reordenamento-de-ambulantes/>> Acesso em: 20 fev. 2013